

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado

Atena
Editora

Ano 2020



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado

Atena
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História e as práticas de presentificação e representação do passado [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-075-9 DOI 10.22533/at.ed.759202805</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores. I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “História e as Práticas de Presentificação e Representação do Passado” reuni 16 artigos entorno de um debate atualizado e propositivo sobre práticas e história. As pesquisas foram organizadas em 4 grupos conforme interesse da obra.

No primeiro grupo, temos três textos que discutem a presentificação e representação do passado do ponto de vista de território, trazendo um diálogo crítico e convidativo ao debate.

Para o segundo grupo, foram selecionados cinco artigos que dialogassem em torno da religião, trazendo ações históricas que permaneceram presentes nos tempos atuais. Polêmicas ou não, as pesquisas contribuem com a quebra de preconceitos e propõem novos olhares.

No terceiro conjunto, agrupei cinco pesquisas que apresentassem um debate relevante para o contexto histórico proposto por esta obra, que é a presentificação e representação do passado. As pesquisas permeiam o século XIX, XX e XXI.

Para o quarto grupo, são três artigos voltados para a discussão histórica por meio da educação. As pesquisas convidam ao olhar dialógico e levam o debate para além da leitura.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

I.

CAPÍTULO 1 1

A COMUNIDADE DE CERRO PELADO, FRONTEIRA E HISTÓRIA AGRÁRIA

[José Carlos Sampayo Ferreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028051

CAPÍTULO 2 13

A GUERRA DE (RE)CONQUISTA SOBRE O CAMPO MEXICANO E A RESISTÊNCIA TERRITORIAL ZAPATISTA

[Rodrigo de Moraes Guerra](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028052

CAPÍTULO 3 22

ALDEADOS DE PIRATININGA – INDÍGENAS ADMINISTRADOS DE SÃO PAULO COLONIAL (SÉCULOS XVI - XVII)

[Antonio Martins Ramos](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028053

II.

CAPÍTULO 4 33

ANALOGIA DO SÁBADO

[Cleonaldo Pereira Cidade](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028054

CAPÍTULO 5 45

CONTRIBUIÇÕES DE KOSELLECK, RÜSEN E FREIRE PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA QUE ATUE NO ENSINO RELIGIOSO.

[Marcelo Noriega Pires](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028055

CAPÍTULO 6 57

O CAMPO RELIGIOSO “BRASILEIRO” NA OBRA MACHADIANA

[Valdeci Rezende Borges](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028056

CAPÍTULO 7 70

ORIXÁ E NATUREZA: O CANDOMBLÉ NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

[Victor Hugo Basilio Nunes](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028057

CAPÍTULO 8 86

O ESPAÇO DE TERREIRO COMO ESPAÇO EDUCATIVO

[Patrícia da Silva Pereira](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028058

III.

CAPÍTULO 9 98

O “LIVRO DE ENTRADA DE IRMÃOS DA IRMANDADE DE N. SRA. DO ROZARIO DOS PRETOS DA FREGUESIA DA CAXOEIRA” – RS, SÉC. XIX

[Henrique Melati Pacheco](#)

DOI 10.22533/at.ed.7592028059

CAPÍTULO 10 113

NETTO ENCONTRA SUA ALMA! UM CAUDILHO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (C.1836-C.1866)

[Cesar Augusto Barcellos Guazzelli](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280510

CAPÍTULO 11 124

O PODER BÉLICO DAS PALAVRAS: O DISCURSO VENCEDOR DOS REPUBLICANOS LIBERAIS NA QUEDA DA MONARQUIA NO BRASIL (1870-1891)

[Daiane Lopes Elias](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280511

CAPÍTULO 12 136

PARA ALÉM DA INVENÇÃO: UMA CRÍTICA AO CONCEITO HOBBSBAWMIANO DE TRADIÇÃO

[Ivan Rodrigo Trevisan](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280512

CAPÍTULO 13 146

FUTEBOL DE BOTÃO / MESA – PASSADO, PRESENTE E FUTURO NA PERCEPÇÃO DO BOTONISTA

[Ary Luiz de Oliveira Peter Filho](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280513

IV.

CAPÍTULO 14 165

PROJETO DE LEITURA E ESCRITA: FÁBULAS POTIGUARA

[Juracy Dayse Delfino Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280514

CAPÍTULO 15 174

PROTAGONISMO POLÍTICO JUVENIL E NARRATIVAS DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA PELA *BURDENING HISTORY*

[Jéssica Christina de Moura](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280515

CAPÍTULO 16 189

PERCEPÇÃO SOCIOCULTURAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA ANÁLISE DO VESTUÁRIO DE ÉPOCA

[Lilian Patricia Soares Filocreão](#)

DOI 10.22533/at.ed.75920280516

SOBRE O ORGANIZADOR..... 201

ÍNDICE REMISSIVO 202

NETTO ENCONTRA SUA ALMA! UM CAUDILHO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (C.1836-C.1866)

Data de aceite: 12/05/2020

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

RESUMO: Antônio de Souza Netto foi um importante caudilho do Rio Grande do Sul, protagonista nos principais conflitos fronteiriços do Século XIX. Apoiando os revoltosos na Guerra dos Farrapos, proclamou a República Rio-Grandense em 11 de setembro de 1836. Foi um dos seis generais Farrapos e exilou-se no Uruguai quando houve a pacificação da Guerra dos Farrapos em fevereiro de 1845. Grande proprietário de terras, gados e escravos, muitas vezes esteve à frente de reivindicações de estancieiros rio-grandenses no Uruguai, quase sempre contra governantes do Partido Blanco. Durante as campanhas contra Oribe e Rosas nos anos 1851-1852 teve ativa participação ao lado da coalisão contrária formada pelo Império Brasileiro, colorados uruguaios e argentinos seguidores do Urquiza, governador de Entre Rios. Em 1863, apoiou a insurgência do colorado Venancio Flores contra o presidente Berro, do Partido Blanco. Neste conflito que envolveu as forças do Império do

Brasil, provocando uma enérgica reação do Paraguai, que seria uma das desencadeantes da Guerra da Tríplice Aliança. Organizou um regimento de cavalaria sob seu comando para lutar no grande conflito, falecendo em Corrientes em julho de 1866. Sobre a trajetória de Antônio de Souza Netto, o escritor rio-grandense Tabajara Ruas escreveu o romance “Neto Perde Sua Alma”, publicado em 1998; em 2001 foi lançado o filme homônimo, com roteiro do próprio autor. Tendo o livro como fonte, o presente trabalho procura buscar na Literatura alguns significados que o referido romance cria sobre fronteiras, caudilhismo e as guerras na estremadura sulina do Império.

PALAVRAS-CHAVE: fronteiras; caudilhos; identidade; região-província; guerra

NETTO FINDS HIS SOUL! A WARLORD
FROM THE PROVINCE OF RIO GRANDE
DO SUL IN HISTORY AND IN LITERATURE
(C.1836-C.1866)

ABSTRACT: Antônio de Souza Netto was an important warlord of Rio Grande do Sul, a protagonist in the main border conflicts of the 19th century. Supporting the rebels in the Farrapos War, he proclaimed the Republic of Rio Grande

do Sul on September 11, 1836. He was one of the six Farroupilha generals na exiled himself to Uruguay when the Farrapos War was pacified em February 1845. Great owner do land, cattle and slaves, often led the claims of the ranchers from Rio Grande do Sul leaving in Uruguay, almost always against rulers of the Blanco Party. During the campaigns against Oribe and Rosas in the years 1851-1852 he had an active participation side by side with the Brazilian Empire, uruguayans Colorados, and argentines followers of Urquiza, governor of Entre Rios. In 1863m he supporting the insurgence of the Colorado chief Venancio Flores against President Berro of the Blanco Party. This conflict involved forces of the Empire of Brazil, provoking a Strong reaction from Paraguay, which would be one of the triggers of the War of the Triple Alliance. He organized a cavalry regiment under his commend to fight in the great conflict, dying in Corrientes in July 1866. On the trajectory of Antônio de Souza Netto, the writer of Rio Grande do Sul Tabajara Ruas wrote the novel “Neto Perde Sua Alma” [“Neto Loses His Soul”], published em 1998; in 2001 the eponymous film was released, with a script by the autor himself. With the book as a source, the present work seeks to find in Literature some meanings that the referred novel creates about frontiers, warlordship and the wars in the extreme South of the Empire.

KEYWORDS: frontiers; warlords; identity; region-province; war

1 | UM SENHOR DA GUERRA NOS ENREDOS DA FRONTEIRA

Traço aqui uma brevíssima trajetória de Antônio de Souza Netto. Netto – ou Neto – não era um agnome, mas o sobrenome familiar adotado por seu pai, Francisco. No prefácio ao livro de Ruas (1998, 21), o jornalista Elmar Bones esclarece que no registro de batismo o aparece “Neto”, mas que o próprio caudilho assinava sempre “Netto”. Filho de estancieiros, Netto nasceu no Povo Novo, município de Rio Grande. Já quanto à data, há uma polêmica: Othelo Rosa afirma que foi em 11 de fevereiro de 1801 (1935, 37); Carlos Urbim escreveu que existem documentos registrando seu nascimento em 25 de maio de 1803 (2001, 74). Criou-se nos campos da família em Bagé, onde tornou-se muito hábil nas lidas campeiras, sendo reconhecido como emérito ginete, aponto de ser nomeado nas memórias de Garibaldi de 1860 como o modelo mais acabado do cavaleiro que vira (DUMAS, 1998, 57).

Como era próprio dos estancieiros fronteiriços do Rio Grande, começou precocemente sua carreira de armas. Ao final da Guerra da Cisplatina, em 1828, já era Capitão de Segunda Linha, posto que manteve quando se criaram as Guardas Nacionais. Pouco antes do desencadeamento da Guerra dos Farrapos, Netto já havia alcançado a patente de coronel, e foi dos primeiros seguidores de Bento Gonçalves na insurreição que liderou em 20 de setembro de 1835 iniciando a grande dissidência da província contra o Império.

Em 1836, pouco antes da derrota e prisão de Bento Gonçalves no combate da Ilha do Fanfa por seu tocaio Bento Manoel Ribeiro, Netto derrotou o legalista Silva Tavares no Campo dos Menezes, próximo a Bagé, e no dia 11 de setembro proclamou por sua conta e

risco a República Rio-Grandense. Promovido a general, após a morte de João Manoel de Lima e Silva tornou-se Comandante em Chefe das armas rebeldes até o retorno de Bento Gonçalves. (A República Rio-Grandense simplificou as variadas patentes que usava o Império e a mais alta delas apenas a de general. Somente seis comandantes chegaram a este posto.) Durante a guerra, foi mentor do regimento de lanceiros negros, comandados pelo coronel Teixeira Nunes.

Depois do armistício, que teria assinado a contragosto, retirou-se para o Estado Oriental, onde estabeleceu-se na estância de Piedra Sola, nas cercanias de Tacuarembó. Intrometendo-se nos assuntos uruguaios, em 1851 secundou as tropas imperiais que entraram no país vizinho para combater Manuel Oribe, criador e comandante maior do Partido Blanco. Netto formou então a Brigada de Voluntários Rio-Grandenses. Após a vitória contra Oribe e obtidas as vantagens reivindicadas pelos rio-grandenses, em 1852 sua brigada participaria da guerra contra Juan Manuel de Rosas, governador de Buenos Aires, a liderança máxima do Partido Federal da Confederação Argentina. Recebeu então o título de Brigadeiro Honorário do Exército Imperial.

Em 1864 liderou os estancieros rio-grandenses que viviam no Uruguai em apoio a Venancio Flores, do Partido Colorado, contra os governos consecutivos de Berro e Aguirre, do Partido Blanco, que novamente estava no poder. Durante guerra obteve a adesão do Império aos pleitos dos brasileiros residentes no Uruguai, o que motivou a abertura de hostilidades de Solano López contra o Brasil. Assim, depois de muitos anos, regressou ao Rio Grande com sua Brigada para combater os invasores paraguaios em Uruguiana, portando a bandeira tricolor da República Rio-Grandense. Combateu em Estero Bellaco e Tuyutí em maio de 1866, onde foi ferido. Veio a falecer no Hospital de Sangue de Corrientes em 1º de julho de 1866 vítima de malária.

2 | A ALMA DO SENHOR DA GUERRA NA LITERATURA E NO CINEMA

Sobre Antônio de Souza Neto, o escritor rio-grandense Tabajara Ruas já havia tratado de algumas em “Os Varões Assinalados”, um romance sobre a Guerra dos Farrapos (1995). Três anos depois escreveu nova obra, “Netto Perde Sua Alma”, desta vez tendo como mote o caudilho (1998). Em agosto de 2001, com roteiro próprio e direção compartilhada com Beto Silva, lançou o filme homônimo. Possivelmente por essa razão, a narrativa cinematográfica é muito fiel ao livro e pode ser usada como fonte para o presente trabalho, buscando alguns significados que ficção cria sobre fronteiras, caudilhismo e as guerras na estremadura sulina do Império. Mais que isto, como a Guerra dos Farrapos e seus protagonistas ainda constroem um mito de origem importante para a formação de uma identidade regional-provincial para o Rio Grande do Sul. Neste sentido, assim como a Literatura, o Cinema rio-grandense cumpre um papel fundamental atingindo um público alvo relevante; a exposição do conteúdo do livro como filme incrementou muito a

divulgação das ideias do autor, tornando o texto canônico em relação ao Rio Grande em tempos de guerra.

Os seis capítulos do livro abordam a vida de Netto em diversos tempos: “Corrientes” inicia a trama a partir dos últimos dias de Netto no hospital de Corrientes, julho de 1866; “Reunião no Morro da Fortaleza”, faz um longo *flashback* até abril de 1840, quando a República Rio-Grandense já enfrentava sérias dificuldades; “Dorsal das Encantadas” recua o tempo da narrativa a setembro de 1836, quando Netto proclamou a República nos campos do Seival; “O Último Verão do Continente”, transporta a ação para março de 1845, logo após o armistício dos rebeldes do Rio Grande com o Império; “Piedra Sola” mostra a vida de Netto no Uruguai em junho de 1861, com destaque para seu encontro e romance com sua futura esposa Maria Escayola; “Corrientes” é também o título do último capítulo, e retoma as horas finais do general em 1866 no hospital de sangue, como eram chamados os centros cirúrgicos no século XIX.

Como o autor da obra foi também roteirista do filme feito depois, a organização deste não difere do livro. A película é dividida em seis atos, análogos aos capítulos da publicação, mas com títulos mudados: Ato I, “O Capitão de los Santos”; Ato II, “Milonga”; Ato III, “República”; Ato IV, “As Encantadas”; Ato V, Senhorita Maria; e Ato VI, “Sargento Caldeira”.

Ancorando-se nesses distintos momentos da vida do general, a reconstrução dos seus atos e da sua personalidade ganha verossimilhança, e o herói se justifica na saga dos campos rio-grandenses, marcadas pelos muitos anos de guerras.

Antecedendo o primeiro capítulo, duas páginas descrevem uma cena digna de contos de mistério, com três mortos: o tenente-coronel cirurgião, o francês Philippe Fontainebleux, o major argentino Ramirez e o general Souza Netto. O capítulo I, “Corrientes” é datado de 1.º de julho de 1866. Netto hospitalizado por ferimento havido na batalha de Tuyuti. A gravidade dos ferimentos de Netto é motivo de controvérsias (RUAS, 1998, p.26-27), mas há consenso de que ele faleceu em consequência de malária adquirida nos pântanos paraguaios.

Ele está atento ao atendimento que recebem oficiais argentinos também feridos, muito pesaroso com o infeliz capitão De Los Santos, vítima do sádico cirurgião Fontainebleux que, no entanto, dá tratamento diferenciado ao cruel major Ramirez. Parece um tanto anacrônica a indignação de Netto pela falta de higiene do médico; isto ainda era regra nos Estados Unidos e na Europa, pois as primeiras práticas antissépticas iniciaram apenas em 1865 (THORWALD, 2005 e FABIANI, 2019); especificamente sobre os hospitais de sangue há o trabalho inédito de Eduardo Martins (2017). É curioso reparar que no filme a mesma personagem teve seu nome trocado para Phillip Blood, de nacionalidade inglesa. Ambas as mudanças não parecem casuais, mas apontam para uma guerra sangrenta associada à presença da Inglaterra nos assuntos sul-americanos.

Das lembranças mais recentes de Netto, há um diálogo dele com Osório, na véspera

da Batalha de Tuyuti, onde rememoram outros chefes rio-grandenses que haviam morrido. Ao fim dessa conversa, Netto enxerga de longe um isolado barqueiro no rio Paraná, que o faz lembrar do mitológico Caron, que conduzia os mortos ao Hades. Decorre daí uma improvável recitação em italiano do Canto III do “Inferno”, da *Divina Comédia* de Dante, livro que Netto recebeu de Garibaldi e leu no original; segue uma oportuna glosa de Osório, também na mesma língua. Com toda a consideração que as liberdades poéticas devem receber nas obras ficcionais, o trecho parece muito anacrônico: Netto e Osório tiveram estudos muito irregulares na juventude que os permitissem conhecer literatura numa língua estrangeira com tanta fluência.

O final do capítulo traz a visita do sargento Caldeira, um negro que o acompanhou desde Guerra dos Farrapos. Caldeira é portador de carta do antigo ministro republicano Domingos José de Almeida, que transcreve trechos de uma carta de Garibaldi, na qual o italiano alardeava as qualidades dos comandantes rio-grandenses, especialmente Netto. Cumpre salientar que o documento não existe, mas os mesmos elogios aparecem nas citadas “Memórias de Garibaldi” (DUMAS, 2010). A macabra amputação das pernas do capitão De Los Santos pelo sinistro médico-cirurgião Fontainebleux faz com que Netto conspire com Caldeira seu assassinato.

“Reunião no Morro da Fortaleza”, datado em 8 de abril de 1840, inicia com um diálogo entre Netto e Garibaldi, onde o corsário se diz inspirado pelos farrapos para uma causa futura, a unificação da Itália como uma república. Segue-se uma passagem emblemática na recriação do Rio Grande do passado, quando Netto e o capitão Teixeira Nunes, o “Gavião”, comandante dos lanceiros negros do exército republicano. Chegando a uma estância em busca de cavalos, foram recebidos pela dona e sua nora, armadas, e inquirindo fortemente sobre a procedência dos estranhos; essas mulheres representam muito bem uma realidade onde a ausência dos homens da casa, elas assumiam os negócios e a segurança dos lares. Na sequência, quando as pessoas se dão a conhecer, também fica muito clara a pequenez desta elite estancieira, onde as poucas famílias sabem perfeitamente quem são os demais membros de sua classe social, de onde vieram e onde se localizam. Netto e “Gavião” são reconhecidos pelo jovem escravo Milonga, que os idolatra como protetores dos escravos e fiadores de sua futura liberdade: a luta dos Farrapos se identifica aqui com a liberdade dos cativos.

Na volta para o acampamento, foram atacados por cinco charruas, sendo salvos pelos certos tiros de Milonga que os seguia secretamente. Nesta passagem há anacronismos importantes relativos às armas de fogo, que à época eram ainda precárias e muito raras. O chefe dos agressores levava um revólver, arma que só foi inventada por Samuel Colt em 1835, mas que entrou em uso apenas em 1847. Por sua vez Milonga tem um rifle de repetição, o que só foi inventado por Henry em 1860; o primeiro fuzil moderno de agulha foi criado pelo alemão Dreyse em 1836; seu modelo comercializado de 1841 só foi usado no Prata nas Guerras de Oribe e Rosas, de 1851-1852. Estes armamentos modernos

aparecerão em outros trechos do livro.

Enfim no acampamento, enquanto os oficiais tratam de um ataque concertado entre diversos corpos do exército republicano aos legalistas alojados no morro da Fortaleza, Milonga se incorpora aos Lanceiros Negros, conhecendo o já seu futuro superior, o lendário sargento Caldeira. Aqui o autor descreve as vestes coloradas dos cavalarianos farroupilhas, salientando que Garibaldi as usaria nas campanhas da Itália quando formou as brigadas *Camicie Rosse*, Camisas Vermelhas. Essa hipótese foi referendada anos mais tarde na pesquisa de Gianni Carta (2013).

Cabe observar que presença das insígnias coloradas não era uma prerrogativa dos rebeldes do Rio Grande, e era histórica no espaço platino desde os movimentos de independência. O vermelho foi usado por Artigas como um símbolo de Liberdade herdado da Revolução Francesa, e incorporado à bandeira que criou para seu movimento. Nos anos 1830, o colorado foi adotado e tornado obrigatório pelo Partido Federal de Juan Manuel de Rosas, na Confederação Argentina. Noutras circunstâncias, em 1835 o uruguaio Fructuoso Rivera criava o Partido Colorado. Assim, os farroupilhas adotaram o vermelho em lenços e camisas – além da faixa transversal na bandeira republicana – por influência platina. É notável que o vermelho que simbolizava a Liberdade na Revolução Francesa passou a significar Federalismo no espaço platino, incluindo o Rio Grande do Sul.

O terceiro capítulo é “Dorsal das Encantadas”, passado em 11 de setembro de 1836. É o mais curto dos capítulos, apesar de narrar a proeza mais conhecida da Netto: a proclamação da República Rio-Grandense, após a Batalha do Seival, ganha pela sua cavalaria.

Já salientei que Netto era reconhecido como exímio ginete; a guerra no espaço platino era por excelência de cavalaria ligeira, não por acaso chamada de *guerra gaucha*. Nessa passagem, ele reflete sobre a hiperbólica frase de Ricardo III na peça teatral homônima oferecendo o seu reino por um cavalo! Uma vez mais Ruas atribui ao general um conhecimento literário muito raro numa elite rural como a rio-grandense, pouco escolarizada. Naquela citação de Dante, Netto era um homem maduro; aqui ele pensava em Shakespeare com 32 anos!

Mais adiante entretém uma longa conversa com Lucas de Oliveira, que trata de convencê-lo à secessão da província, mesmo na ausência de Bento Gonçalves. Netto mostra-se prudente, mesmo sabendo-se apoiado por outros chefes, reconhecendo a grande disparidade de poder comparando suas forças com as do Império do Brasil. Uma vez mais uma nota anacrônica sobre a erudição literária de Netto ainda jovem, comparando a província com a fictícia Lilliput, das “Viagens de Gulliver” de Swift, que lhe havia sido presenteado pelo mesmo Lucas de Oliveira! A decisão de “fundar um país” só foi tomada após um diálogo com Caldeira. O sargento, com muitos outros escravos, fugira antes para a mítica Serra das Encantadas; viera com os demais compor a cavalaria dos negros por acreditar num novo país que Netto podia criar.

Esse otimismo já fora totalmente destruído em 2 de março de 1845, dias após o acordo de paz com o Império. Em “Último Verão do Continente” a questão social aparece com um dos pontos mais altos do livro. No que diz respeito a uns e outros, o acordo, que preservou a condição social dos estancieiros, além de garantir seus postos no exército imperial, não resultou em vantagens para os cativos que haviam sido alforriados para incorporarem-se às hostes rebeldes. Soldados negros, entre eles Milonga, discutem revoltados a promessa não cumprida de garantir-lhes a liberdade, e planejam fugir para a Serra das Encantadas; debalde o sargento Caldeira tenta explicar a inutilidade de ir contra a situação em que os chefes farrapos precisavam assinar a paz.

Em conversa com o legalista Osório, o próprio Netto comenta que os negros foram os mais prejudicados pela guerra, e que se retirará para o Uruguai com duzentos seguidores. (No filme o diálogo é com o Caetano Gonçalves da Silva, filho de Bento.) No Uruguai, Netto tornar-se-ia um importante estancieiro e manteve sempre muitos escravos, um dos tantos motivos de suas disputas com as autoridades do país. A abolição no Uruguai se dera em 1842, e era extensiva a todos que nascessem no território uruguaio.

No final do capítulo ele é afrontado por Milonga que, cobrando também a morte do “Gavião” Teixeira Nunes, tenta matar o general usando um revólver (novamente um anacronismo, acentuado por colocar esta arma nas mãos de um lanceiro negro). O sargento Caldeira, Caldeira, na defesa de Netto, mata o “negrinho burro” que não compreendia a política dos senhores da guerra brancos.

“Piedra Sola”, passado em 25 de junho de 1861, mostra a vida do general no exílio uruguaio. Netto, no início do capítulo, sem inimigos com quem guerrear, passa seu ócio caçando um jaguar (uma vez mais um anacronismo, visto que o general usa um Winchester, e esta arma de repetição só seria fabricada em 1866). A imponência da fortaleza que construiu na estância de Piedra Sola representa tanto o poder econômico de Netto, quanto a condição do caudilho que já enfrenta novos inimigos. O general segue amante das letras, cochilando à beira do fogo com um exemplar de “A Divina Pastora”, justamente uma obra de Caldre e Fião (1847), um severo crítico dos farroupilhas. (Este foi o primeiro romance publicado no Rio Grande do Sul, e foi o segundo mais antigo do Brasil.) Netto comenta na sequência que o livro é aborrecido em comparação àqueles clássicos já citados, numa crítica velada aos antigos rivais que defenderem o Império.

No seguimento, ele recorda o primeiro encontro que tivera com Maria Escayola numa livraria de Montevideo, onde o general adquiria romances franceses. Uma vez mais uma inviável possibilidade de que Netto fosse um raríssimo poliglota: ao italiano e ao inglês, ele dominaria também o francês, além do espanhol, por óbvio! Dias depois, em casa do pai de Maria, Netto tem uma conversa tensa com o embaixador inglês Thornton, onde é discutida a situação política do Rio da Prata e a insatisfação britânica com o Paraguai de Solano López. Netto não aceita os poderes discricionários do ditador, mas nega a qualificação de barbárie; estende sua contrariedade a reis e imperadores, e mesmo aos

caudilhos quando é deles lembrado pelo embaixador. Mais tarde acontece o romance entre Netto e a Maria, ele com 57 e ela com 38 anos. Ao final do capítulo, a futura esposa, com quem teria duas filhas, adivinha a proximidade de um novo conflito armado.

Novamente “Corrientes”, o ato final passado na madrugada de 1º de julho de 1866. O primeiro assassinado foi o major Ramirez, a quem Caldeira atribui toda a sorte de crimes de guerra que ficaram impunes: ele é simplesmente sufocado. Netto mantém um interessante diálogo com o sargento Caldeira enquanto veste o uniforme completo: primeiro justifica que um oficial deve estar sempre bem apresentado, acrescentando que isto lhe permitiu uma entrevista com o Imperador sem descobrir-se, porque um militar fardado só se obriga a tirar o chapéu para as damas. (Essa versão contradiz seu próprio passado, onde criou fama de um aspecto pouco marcial, com visual agauchado, usando poncho e chapéu de campeiro.) Relatou ainda a Caldeira que, a uma menção de Pedro II sobre a belicosidade dos rio-grandenses, teria respondido que ela não era natural, mas consequência de duzentos anos de guerra na fronteira; para garantir o gosto pelas belas artes da Corte, que lembrava Atenas, era necessária a presença de Esparta. Mais uma vez aparece uma veia literária que é apreciada pelo próprio Caldeira, como um “floreio” de linguagem. O odiado cirurgião Fontainebleau foi degolado pelo sargento com o bisturi sujo que mutilara o falecido capitão De los Santos.

Finalmente a fuga para a beira do rio. Lá esperava Caron com sua barca. E então a revelação de Caldeira de que já cruzara esse rio, morto em Tuyuty, no mesmo combate onde se ferira o general. A travessia era dele só, que se apresentou ao barqueiro apenas com o nome Antônio.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE HISTÓRIA E LITERATURA

O livro recebeu algumas críticas que o apontaram como mais uma de tantas apologias do passado rio-grandense, que me parecem exageradas. O único momento em que se a narrativa mostra épica é na proclamação da República Rio-Grandense, que foi uma bravata – ou uma “gauchada – de Netto, instigado por alguns republicanos mais radicais. Ssequer as poucas cenas de combate são portentosas; ao contrário, mostram os sofrimentos, as dores e as sujeiras dos campos de batalha. É certo que Netto não era um abolicionista, mas tentou preservar os cativos que haviam servido nas tropas farroupilhas, e seu amigo Teixeira Nunes comandou os lanceiros negros, e com eles foi morto na guerra. Também é um pouco inverossímil o grau de instrução de Caldeira, capaz de ler cartas rebuscadas de Garibaldi e Almeida, e de compreender as metáforas do general, numa época em que o analfabetismo era a regra.

A empatia de Netto com seus comandados era aquela comum aos caudilhos do Prata, que faziam dos seus peões as milícias pessoais. É significativo que em nenhum momento do filme Netto se refira a si ou aos seus companheiros de armas como “gaúchos”, um

anacronismo muito comum em obras do gênero, já que a palavra só se tornou gentílico para os rio-grandense apenas no século XX, Por outro lado, a presença de negros libertos era uma usança desde a invasão luso-brasileira da Banda Oriental em 1811, e o serviço militar foi desde então uma estratégia para fugir da escravidão, e o filme mostra com propriedade a grande presença de negros nas tropas farroupilhas e, por outro lado, também contempla a frustração e o desespero destes homens, que ao final da luta não obtiveram a liberdade esperada.

Em se tratando de uma sociedade pastoril e guerreira, e portanto muito masculina, as mulheres aparecem secundariamente, mas são apresentadas em três situações muito distintas: assumindo os negócios das estâncias, abandonadas pelos maridos e filhos que se incorporavam aos exércitos; acompanhando as tropas, como “vivandeiras” ou “chinas de soldado”, o que foi uma realidade peculiar ao espaço platino; e uma rara presença de intelectual urbana, pacifista e crítica mordaz da sociedade de então, onde os interesses econômicos e políticos destas elites masculinas se sobrepunham a quaisquer projetos de uma melhor qualidade de vida para todos.

Tabajara Ruas é mais um dos tantos escritores rio-grandenses oriundos da fronteira, e dela fez cenário para vários dos seus livros. Além de “Netto Perde sua Alma”, a Guerra dos Farrapos foi tema do já citado “Os Varões Assinalados”; ambientado em sua Uruguaiana escreveu “Cercos e Morte de Juvêncio Gutierrez”, sobre um contrabandista de fronteira, e em parceria com o jornalista Elmar Bones produziu “A Cabeça de Gumercindo Saraiva”, uma biografia do caudilho. A temática, portanto, é familiar para o autor. O romance se fundamenta em uma ou mais versões da história, e o faz apropriadamente, sem “erros históricos” visíveis. Assim, parece muito ranço alguns historiadores discutirem aspectos que são polêmicos na historiografia dentro de uma obra ficcional, atrás de uma “verdade” que se renova a cada investigação.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados na Bacia do Prata. Argentina, Uruguai e Paraguai – da Colonização à Guerra da Tríplice Aliança.** Brasília: Ensaio/UnB, 1995.
- BONES, Elmar. Em Busca do General. In: RUAS, Tabajara. **Netto Perde Sua Alma.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 17-36.
- CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **A Divina Pastora.** Porto Alegre: RBS, 1992.
- CALÓGERAS, João Pandiá. **A Política Exterior do Império. Volume III: da Regência à Queda de Rosas.** Brasília: Câmara dos Deputados/ Cia. Editora Nacional, 1989.
- CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho.** São Paulo: Boitempo, 2013.
- CERVO, Amado Luiz. **O Parlamento Brasileiro e as Relações Exteriores (1826-1889).** Brasília: UnB, 1981.

COSTA, Wilma Peres. **A Espada de Dâmocles – o Exército, a Guerra do Paraguai e a Crise do Império**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

FABIANI, Jean-Noël. **A fabulosa história do hospital da Idade Média aos dias de hoje**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FIGUEIREDO, Joana Bosak. **O Rio Grande de São Pedro entre o Império do Brasil e o Prata: a identidade regional e o Estado nacional (1851-1865)**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado), 2000.

GUAZZELLI, Cesar A. B. O Rio Grande de São Pedro e o Paraguai na conjuntura da formação dos Estados nacionais. In: **Anais do I Encontro de História Brasil-Paraguai**. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2003, p. 155-189.

GUAZZELLI, Cesar A. B. Regiões-províncias na Guerra da Tríplice Aliança. **Topoi**. Rio de Janeiro: v. 10, 2009, p. 70-89.

GUAZZELLI, Cesar A. B. Rio da Prata, século XIX: fronteiras espaciais, textuais e ficcionais. In: **Diálogos**. Maringá: v. 18, n. 1, p. 173-206, jan.-abr. 2014.

GUAZZELLI, Cesar A. B. La República Rio-Grandense y el retorno de la “Pátria Grande” (1838-1843). **Pasado Abierto**. Mar del Plata (Argentina): v. 2, 2015, p. 153-196.

GUAZZELLI, Cesar A. B. Identidades regionais-provinciais na História e na Literatura. In: RIBEIRO, Gladys S.; CAMPOS, Adriana P. (Org.). **Histórias sobre o Brasil no Oitocentos**. São Paulo: Alameda, 2016, p. 91-103.

IZECKSON, Vitor. **O Cerne da Discórdia: A Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.

MARTINS, Eduardo Henrique Monteiro. **O apoio médico nas armas brasileiras durante a Guerra do Paraguai (1864-1870)**. Porto Alegre (RS): UFRGS (Trabalho de Conclusão de Curso de História), 2017.

MENEGAT, Carla. **“Transportando fortunas para povoar deserta e inculta campanha”: atuação política e negócios dos brasileiros no norte do estado oriental do 2ruguai. (1845- 1835)”**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado), 2015.

POMER, León. **A Guerra do Paraguai. A Grande Tragédia Rioplatense**. São Paulo: Global, 1981.

RIBEIRO, José Iran. **O Império e as revoltas: Estado e nação nas trajetórias dos militares do Exército imperial no contexto da Guerra dos Farrapos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013.

ROSA, Othelo. **Vultos da Epopéia Farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935.

RUAS, Tabajara. **Os Varões Assinalados**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

RUAS, Tabajara. **Netto Perde Sua Alma**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

SILVA, José Luiz Werneck da. **As Duas Faces da Moeda: a Política Externa do Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro: Universidade Aberta, 1990.

THOMPSON, George. **La Guerra Del Paraguay**. Asunción: RP Ediciones, 1992.

THOMPSON FLORES, Mariana F. da C. **Crimes de Fronteira. A criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

THORWALD, Jürgen. **O Século dos Cirurgiões**. São Paulo: Editora Hemus, 2005.

URBIM, Carlos. **Os Farrapos**. Porto Alegre: Zero Hora, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 103, 146, 163, 201

Afrocentricidade 87

Aldeamentos 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32

Analogia sabática 33, 34, 35

C

Campo religioso 57, 58

Candomblé 58, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 93, 97

Caudilhos 113, 120

Colonialidade 21, 70, 72, 73, 75, 76, 79, 80, 83, 84, 85

Cristo 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62

D

Decolonialidade 70, 72, 73, 79, 84

Discursos políticos 124

Diversidade 30, 49, 57, 77, 79, 82, 83, 96, 97, 146, 151, 153, 155, 161, 178, 198

E

Educação 1, 14, 20, 33, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 77, 78, 84, 87, 95, 97, 164, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 187, 188, 189, 201

Educação Histórica 45, 49, 174, 175, 176, 178, 181, 187, 188

Ensino de História 45, 56, 188, 189, 198

Ensino religioso 45, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55

Eric Hobsbawm 136, 137

Escravidão 22, 23, 24, 28, 29, 30

F

Força 22, 28, 29, 46, 50, 54, 57, 59, 77, 90, 102, 110, 125, 141, 180, 184, 187

Fronteiras 78, 79, 83, 112, 113, 115, 122, 131, 133, 134, 188, 195

G

Governo 17, 18, 26, 58, 59, 124, 125, 126, 130, 131, 180, 183, 184, 185

Guerra 2, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 47, 48, 59, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 131, 133, 134, 150, 156

H

História da América Latina 13

História do Tempo Presente 13, 79

I

Identidade 14, 15, 16, 19, 20, 22, 30, 31, 50, 52, 76, 80, 91, 93, 109, 113, 115, 122, 138, 143, 144, 165, 168, 192, 195, 199

Ideologia 48, 50, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Indígena 13, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 96, 165, 166, 171

Irmandades 63, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 107, 108, 112

J

Jogos de Escalas 98, 101

M

Machado de Assis 57, 58, 67

Movimentos Sociais 13, 21, 73, 103

N

Nação 16, 19, 35, 89, 110, 122, 128, 129, 136, 138, 142, 143, 151, 196, 199

Nacionalismos 136, 142

Negras 65, 72, 87, 93, 94, 97, 98, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111

P

Província 113, 114, 118

R

Religiosidades 53, 57, 67, 86, 90

Republicanos liberais 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 135

S

Sábado 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 148

T

Território 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 91, 104, 119, 125, 167, 193

Tradição inventada 136, 137, 142

Transgeracionalidade 87, 92

Z

Zapatismo 13

 **Atena**
Editora

2 0 2 0